

### O Jogo da Cabra Cega

Os jogos, no Nordeste Trasmontano (como as danças, teatro popular, etc.) eram uma constante da vida dos jovens e adultos, sobretudo nos domingos e tempos de ócio (bem poucos!) durante a semana. Mas os sofisticados divertimentos que os Mass Media, sobretudo a televisão, têm «despejado» nestas terras nordestinas muito abastardaram o modo de ser e viver desta gente (inserida numa sociedade rural), apesar da sua tenaz resistência, que se dá «... apenas na medida, como diz Lopes Graça, a propósito da música popular, em que ainda corresponde a necessidades sentidas colectivamente».

Louvamos por isso aqueles (poucos) que, a nível de Nordeste, apesar de, por vezes, pouco apoiados, algo têm feito (e bem), nos últimos tempos, no sentido de ressuscitar a maior parte dos jogos trasmontanos, alguns já um pouco esquecidos.

E, neste campo, dos jogos populares, assim como no da música popular, danças etc., há que louvar entre outros, o Dr. António Cabral e seus colaboradores que, através do CCRVR <sup>(1)</sup> têm feito obra digna de se assinalar, Fernando Lopes Graça, Michel Giacometti, o P.<sup>o</sup> Mourinho e o Prof. Doutor Santos Júnior.

Mas em que consiste o JOGO DA CABRA CEGA?

Era um jogo muito praticado no concelho de Torre de Moncorvo, e creio que ainda hoje, com pequenas variantes de freguesia para freguesia.

Neste jogo podiam entrar rapazes ou raparigas, em qualquer número.

O lugar escolhido para este jogo era, geralmente, um «lugar pouco transitado e sem buracos para que o rapaz (ou rapariga) com os olhos vendados não caísse».

---

(1) Centro Cultural Regional de Vila Real.

Os intervenientes formavam uma roda e escolhiam, então, o Cabra Cega da seguinte maneira.

Um dos do grupo dizia, batendo com a mão no peito ou na cabeça dos participantes:

— Um, dó, li, tá quem está livre, livre está.

O que fosse tocado, ao dizer a última palavra — «está», já não fazia o papel de Cabra Cega.

Esta lengalenga repetia-se (uma, duas três vezes...) até só já estarem dois na roda. Destes seria Cabra Cega o que não fosse tocado ao pronunciar a palavra «está».

Ao Cabra Cega eram então vendados os olhos com um lenço. Este, depois de bem tapados os olhos, colocava-se no meio da roda.

Então um dos da roda perguntava-lhe:

— Cabra Cega, donde vens?

Ele respondia:

— Venho de Mirandela.

— O que te lá deram?

— Deram-me pão e canela.

Outro da roda perguntava:

— Dás-me dela?

Ele respondia:

— Não. É para mim e para minha donzela.

Mas o diálogo <sup>(1)</sup>, também, podia ser este:

— Cabra Cega, donde vens?

E ele respondia:

— Venho do «Castelo» <sup>(2)</sup>.

E outro perguntava:

— O que perdeste lá?

— Uma agulha.

— Fina ou grossa?

— Grossa.

---

(1) Em Torre de Moncorvo.

(2) Referia-se ao largo onde se ergue, presentemente, o edificio da Câmara Municipal da Torre de Moncorvo, conhecido pelo nome de «Castelo» e no qual, outrora, se fazia este jogo.

Então, todos os da roda gritavam:

— Busca, busca, Cabra Cega.

Nesta altura, o Cabra Cega fugia tentando agarrar um dos da roda. Logo que agarrasse algum, outro, que não o «agarrado», perguntava à Cabra Cega:

— Quem tens à tua frente?

Se ele conseguisse adivinhar, então o que foi agarrado passaria a ser o Cabra Cega. Se não adivinhasse, continuaria o mesmo o desempenhar o papel de Cabra Cega, iniciando, novamente o jogo, até conseguir agarrar e identificar um dos jogadores. Estes procuravam deixar-se agarrar, não se afastando muito da Cabra Cega ou até quase se lhe entregando.

Também, os da roda podiam não fugir e então o Cabra Cega agarrava um qualquer e perguntava-lhe:

— Como faz o gato?

E ele respondia:

— Miau, miau, miau.

— E o cachorro?

— Béu, béu.

Então o Cabra Cega dizia:

— Este é o Joaquim.

E se acertasse, o Joaquim passaria a ser o Cabra Cega. Se não acertasse continuava a ser o Cabra Cega.

Cabra Cega provocava quase sempre hilaridade nos participantes e assistentes «pelos tombos que dava» ao tentar agarrar alguns jogadores, pelos apalpões que dava (quando agarrava algum), no sentido de, através do rosto, cabelos, roupa, etc.; tentar identificar o «agarrado» e pelos enganos cometidos nessa identificação.

Moncorvo  
Julho 1982

JOAQUIM MANUEL REBELO \*

\* Internato Francisco Meireles — 5160 Moncorvo